



Autora: Luísa Beltrão

Venho, tal como pedido pelo Padre António, enviar por escrito a minha pequena intervenção individual.

Fiquei maravilhada com as conclusões dos grupos e as suas propostas, que representam uma revolução na Igreja.

O Evangelho, lido nesta 2ª assembleia sinodal, fala nos ruídos dos poderes e nas crianças ainda libertas deles. Eu interpreto esses poderes como os grandes obstáculos de domínio, quer os intelectuais, os económicos, os socioculturais, os de mando moral ou político.

Uma filha com deficiência mental e um filho gay assumido “obrigaram-me” a um entendimento pelo afecto do que antes considerava “alheio e estranho”, tomando consciência das poderosas categorias mentais de avaliação da realidade; obrigaram-me a perceber que tenho tudo para aprender no que toca à aproximação ao outro – ignorar o outro é excluí-lo.

Gostava de sublinhar esta ideia que se tornou lugar-comum:

a humildade do espírito face ao próximo - o lugar-comum, de tanto uso, torna-se vazio de conteúdo.

Amarás o próximo como a ti mesmo

tem pouca força. A nossa Igreja é formal, hierarquizada e impositiva, afastando, em lugar de acolher.

Parece-me ser esta a principal preocupação do Papa Francisco: caminharmos juntos para Deus, como companheiros, cada um com a sua presença singular.

Luísa Beltrão